

Brasília oferece boa qualidade de vida

Uma qualidade de vida invejável — basta dizer que, enquanto a Organização Mundial de Saúde classifica como ótimo 25 metros quadrados de área verde por habitante, a cidade oferece cem metros quadrados — Brasília não é a "Ilha da Fantasia", é uma realidade, um oásis em meio ao caos urbano em que se transformaram as grandes cidades brasileiras.

Mas é forçoso admitir que, aos 33 anos, Brasília pouco a pouco já vem apresentando alguns dos problemas que em outras cidades se tornaram insanáveis. Exemplo: problemas de pobreza e de moradia na periferia. Outro exemplo: serviços de transportes coletivos, se não precários, bastante aquém das necessidades da população.

Há uma diferença, entretanto: enquanto em outras cidades os problemas se acumulam de tal forma que as soluções, quando tomadas, envolvem o emprego de enorme volume de recursos, em Brasília o Governo tem, em todos os casos, se antecipado a eles, intervindo antes que se tornem críticos e crônicos.

É o caso do déficit de moradias para população de baixa renda. Até pouco tempo, conforme dados do Governo do Distrito Federal, 14.600 famílias viviam em favelas espalhadas em pleno coração da cidade, nos Eixos Norte e Sul, e nos arredores das cidades-satélites, em condições mais do que precárias e, pior, sem perspectivas de mudança.

A Secretaria de Serviços Sociais começou cadastrando famílias em situação mais crítica, traçando um quadro bem definido da favelização. Além disso, também foram cadastrados os moradores de "fundo de quintal", nas cidades-satélites. Constatou-se algo alarmante: 135 mil famílias precisavam de moradia.

Surgiu, então, o Programa de Assentamento para Populações de Baixa Renda. Hoje, os diversos assentamentos implantados pelo GDF já abrigam cerca de 300 mil pessoas e, até o final do ano, esse número será elevado a 540 mil, ocupando cem mil lotes distribuídos sob a supervisão da Sociedade de Habitação de Interesse Social (SHIS).

Outro problema que está sendo atacado é o dos transportes coletivos, que é complexo porque as cidades-satélites ficam distantes do Plano Piloto, mas que será解决ado quanto for inaugurado o metrô, no próximo ano. Então, avalia o GDF, o sistema de transportes por ônibus deixará de ser problemático, pois integrando-se ao metrô, passará a ser modelo.

Dificuldades mesmo tem o GDF com a manutenção dos serviços de saúde, educação e segurança, setores financiados pelo Governo federal. A constante falta de recursos federais faz com que

o GDF viva sempre batendo às portas do Palácio do Planalto para receber as verbas necessárias ao funcionamento desses serviços. Os problemas se refletem mais nos salários de professores, médicos, enfermeiros e policiais, muito mais do que na qualidade dos serviços oferecidos, que têm sido melhorados na medida do possível.

Tanto assim que o Hospital de Base tem grau de excelência e o restante da rede hospitalar do GDF, que há alguns não era confiável, já não causa hoje queixas na população. Na área de educação, a campanha "A escola bate à sua porta", lançada este ano, pretende erradicar de vez o analfabetismo na periferia da cidade. Trata-se de uma ação inédita: em Brasília, ao invés dos pais irem para a fila por vagas para os filhos nas escolas públicas, a Secretaria de Educação é que vai descobrir crianças que por um motivo ou por outro não tenham sido matriculadas na rede pública de ensino.

A carência de verbas federais para a segurança tem impedido as polícias Civil e Militar de aumentarem seus efetivos e, mais ainda, de modernizarem seus equipamentos. Como os índices de violência na cidade ainda estão muito aquém dos observados na maioria das capitais do país, há apenas que prevenir para não ter depois que remediar.



Joaquim Roriz, governador do Distrito Federal, toma água levada pela CAESEB ao Vale do Amanhecer